

HISTÓRIA DO BRASIL

Prof. Davidson Nichio (Abdulah)

EXERCÍCIOS EXTRAS

TEMA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS

1. (Pucsp 2016) “As fugidias confissões que os inquisidores tentavam arrancar dos acusados proporcionam ao pesquisador atual as informações que ele busca – claro que com um objetivo totalmente diferente. Mas, enquanto lia os processos inquisitoriais, muitas vezes tive a impressão de estar postado atrás dos juizes para espiar seus passos, esperando, exatamente como eles, que os supostos culpados se decidissem a falar das suas crenças.”

Carlo Ginzburg. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 283-284. Adaptado.

O texto aponta semelhanças entre a expectativa do inquisidor, que colhia os depoimentos daqueles que eram julgados pelo Santo Ofício, e a expectativa do pesquisador, que, séculos depois, analisa os processos inquisitoriais. O “*objetivo totalmente diferente*” de cada um deles pode ser assim caracterizado:

- enquanto o inquisidor desejava salvar a alma do acusado, por meio da expiação de seus pecados, o pesquisador consegue descobrir, no depoimento, a verdade completa e absoluta sobre o período.
- enquanto o inquisidor ampliava os limites da fé cristã, ao perdoar os erros do acusado, o pesquisador consegue identificar a fé superior do membro da Igreja e os pecados cometidos pelos réus.
- enquanto o inquisidor pretendia obter, do acusado, uma confissão ou o reconhecimento de culpa, o pesquisador deseja encontrar, no processo, indícios que o ajudem a compreender aquela experiência histórica.
- enquanto o inquisidor assumia uma atitude de tolerância e respeito perante o acusado, o pesquisador penetra indevidamente na intimidade dessas duas pessoas.

2. (Upe-ssa 1 2016) A destruição, que alguns grupos radicais islâmicos vêm fazendo nas últimas décadas, parece fazer parte de uma estratégia de anulação da memória coletiva, como se, ao fazerem isso, estivessem a consolidar essa ideia peregrina de que são os escolhidos que foram para uma missão verdadeiramente civilizadora, pretendendo apagar o passado, primeiro instrumento que nos faculta aceder à capacidade crítica. E esse é o medo dessa gente: que aqueles que são dominados olhem para as estátuas agora quebradas dessas salas de memória e questionem a legitimidade de quem os pretende dominar.

PINTO, Paulo Mendes. *O Direito à Memória, ou quando do alto destas pirâmides, 40 séculos de História nos contemplam!* Lisboa: O Público, 2015. (Adaptado)

Dessa forma, é **CORRETO** afirmar que a destruição de ruínas antigas

- é uma obrigação religiosa islâmica, e os grupos radicais apenas cumprem com seus deveres de fé.
- não representa nenhuma ameaça à nossa compreensão de História. São apenas pedras.
- é uma obrigação civilizatória na qual os grupos radicais se empenham.
- mostra como a Antiguidade permanece presente na construção de nossa memória coletiva.
- é um objeto de preocupação apenas para os cidadãos dos países onde os atentados estão ocorrendo.

3. (Uema 2016)

Um líder jihadista egípcio convocou a população muçulmana para destruir a Esfinge e as Pirâmides de Gizé, informa o site árabe Al Arabiya. Murgan Salem al-Gohary, que afirma ter ligações com o Talibã, pediu que os egípcios repetissem o que foi feito no Afeganistão, quando estátuas de Buda foram removidas após a chegada dos fundamentalistas ao poder. “A destruição da memória, da História, do passado é algo terrível para uma sociedade”.

Jacques Le Goff, *Revista Veja*.

Jihadista convoca muçulmanos para destruir Esfinge e Pirâmides do Egito



Data: sábado, 7 de março de 2015 / Horário: 14:41

<http://www.netcina.com.br>



A destruição de patrimônios históricos da Humanidade, como as estátuas de Buda no Afeganistão, e a ameaça à Esfinge de Gizé e às Pirâmides não se restringem aos conflitos político-religiosos que assolam o Oriente Médio há séculos, mas fazem parte de um processo maior de reconfiguração da Memória e da História da sociedade.

O processo acima descrito está diretamente relacionado ao (à)

- a) uso da Memória e da História como campo de disputa e de construção de identidades coletivas.
- b) tentativa de uso da Memória e da História como estratégias para reforçar identidades coletivas passadas.
- c) destruição dos bens culturais construídos ao longo da dominação imperialista sobre a região do Oriente Médio.
- d) ataque aos Patrimônios Culturais como forma de destruição de símbolos ocidentais que representam o domínio estrangeiro.
- e) projeto de diluição das fronteiras culturais por meio da tentativa de imposição de uma única memória coletiva aos demais povos do Oriente Médio.

4. (Upe-ssa 1 2016)

A Europa é uma criação feita diante do outro. Suas fronteiras são culturais e se opõem em três ao que não é Europa: a Ásia, os Árabes, que assediam a Europa, primeira frente antieuropeia; o 'leste' sempre indefinido; e finalmente o Oceano".

FEBVRE, Lucien. *A Europa – gênese de uma civilização*. Bauru: Edusc, 2004, p. 118-121. (Adaptado)

O trecho acima representa certa historiografia europeia, que se caracteriza pelo

- a) Multiculturalismo – valoriza as contribuições das diversas populações na criação da civilização europeia.
- b) Orientalismo – entende o Oriente como uma criação pacífica e igualitária do Ocidente.
- c) Eurocentrismo – entende a Europa como centro da civilização, ameaçada pela barbárie e obrigada a expandir os limites da Humanidade.
- d) Humanismo – percebe uma mesma essência em todas as manifestações do gênio humano, disfarçada por elementos culturais diversos.
- e) Materialismo Histórico – privilegia os elementos econômicos sobre os culturais e políticos.

5. (Uece 2016) Leia atentamente o seguinte excerto:

"Se o homem comum não conhece as suas origens ele é como um macaco louco. Ele não conhece ao certo as relações de sua grande família, é como um dragão descomunal. Ele que não conhece as circunstâncias e o curso das ações de seu nobre pai e avô é como um homem que, tendo preparado a dor para seus filhos, joga-os neste mundo".

MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004, p.55

Do trecho acima, depreendem-se algumas características da escrita da História, quais sejam:

- a) conservação da memória do passado, quadro cronológico e interpretação dos acontecimentos.
- b) conhecimento da natureza, origem das espécies animais e lembrança ancestral.
- c) dialética socrática, valores teóricos e morais e busca pela verdade intrínseca da origem humana.
- d) atitude crítica em relação ao registro dos acontecimentos, desinteresse pelo passado e árvore genealógica.

6. (Ucs 2015) Por muito tempo, os historiadores acreditaram que deveriam e poderiam reproduzir os fatos "tal como tinham ocorrido". Dentre as características do conhecimento histórico que assim produziam, é correto afirmar que

- a) os historiadores, ao privilegiarem a realidade dos fatos, esperavam produzir um conhecimento científico que analisasse os processos e seus significados, abrindo espaço para a subjetividade humana em suas análises.
- b) era uma história linear, cronológica, de nomes, fatos e datas, que pretendia uma verdade absoluta, como forma de expressar a neutralidade do historiador.
- c) era uma história temática, na medida em que acreditava que tudo o que o homem fazia e, até mesmo o que ele não fazia, poderia ser considerado fato histórico.
- d) os fatos privilegiados seriam aqueles poucos que eram amplamente documentados, como as festas populares e a cultura das pessoas ordinárias.
- e) o fundamental era compreender o funcionamento econômico da sociedade, que é o determinante de tudo e garante a neutralidade do historiador.

7. (Uel 2015) Leia o texto a seguir.

Foi Renan, acho, quem escreveu um dia (cito de memória; portanto receio, inexatamente): "Em todas as coisas humanas, as origens em primeiro lugar são dignas de estudo". E Saint-Beuve antes dele: "Espio e observo com curiosidade aquilo que começa". A ideia é bem de sua época. A palavra origens também. Mas a palavra é preocupante, pois equívoca.

Adaptado de: BLOCH, M. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p.56.



Com base no texto, assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a escola historiográfica que se posiciona sobre esse tema e a tese correspondente.

- a) Escola Metódica – compreende a origem como o princípio dos estudos históricos.
- b) Escola Marxista – considera os estudos culturais como fundamento da crítica.
- c) Escola dos Annales – considera mitologia a busca pelas origens.
- d) Escola Idealista – concebe a história como a realização humana no tempo.
- e) Escola de Frankfurt – formula a ideia da invenção das tradições históricas.

8. (Uern 2015) Leia os textos.

Quinta-feira, 9 de abril de 1992.

Dear Mimmy,

Não estou indo à escola. Nenhuma escola de Sarajevo está funcionando. O perigo sobrevoa as colinas que nos cercam. Apesar disso, tenho a sensação de que pouco a pouco a calma está voltando. Já não se ouvem as fortes explosões das granadas nem dos tiros. Só uma rajada de vez em quando, depois o silêncio volta bem rápido [...].

Zlata.

(Disponível em: http://www.aridesa.com.br/servicos/click_professor/claudia_alencar/resumos/genero_diario.pdf.)

Umberto Eco é um intelectual que transita com rara habilidade por áreas do pensamento que não se bicam. Ele é um teórico respeitado no campo da semiótica e um literato de mão-cheia. Veja parte de sua entrevista à

Revista Veja:

Veja – Na sua opinião, que impacto a *internet* vai ter na cultura?

Eco – Pela primeira vez, a humanidade dispõe de uma enorme quantidade de informação a um baixo custo. No passado essa informação era custosa, implicava comprar livros, explorar bibliotecas. Hoje, do centro da África, se você estiver conectado, poderá ter acesso a textos filosóficos em latim. É uma mudança e tanto.

(Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/digital4/entrevista.html>.)

Em relação aos textos apresentados (um diário e uma entrevista), e ao conceito de fonte histórica, é correto afirmar que

- a) o segundo texto não pode ser considerado fonte histórica adequada, pois não contém comprovação documental.
- b) ambos são considerados fontes históricas e podem servir como apoio e fundamentação para estudos históricos.
- c) o primeiro texto pode ser considerado uma fonte fidedigna da história, pois está registrado num documento escrito.
- d) nenhum representa fontes históricas, pois estão relacionados à cultura imaterial, referindo-se a relatos orais e pessoais.

9. (Uern 2015)

Em um sítio dentro da área de proteção ambiental de Lagoa Santa/MG, onde foi encontrado, em 1975, o crânio de Luzia, a “primeira brasileira” – como ficou conhecida –, os arqueólogos e antropólogos estão desenterrando um tesouro pré-histórico. Os 35 esqueletos descobertos ali, desde 2001, revelam práticas da cultura mais antiga do país de, aproximadamente, 11 mil anos atrás.

(*Revista Planeta*. Novembro de 2014. Ano 42 - Ed. 504, p. 36.)

Sobre as relações que se estabelecem entre a antropologia, a arqueologia e a história, é correto afirmar que

- a) as pesquisas arqueológicas servem para identificar as características genéticas e biológicas de povos ancestrais, mas se limitam a esses aspectos.
- b) práticas funerárias e até outros hábitos do cotidiano de nossos antepassados podem ser descobertos através das pesquisas arqueológicas e antropológicas.
- c) os métodos utilizados pela arqueologia e antropologia atuais são tão minimalistas que não deixam dúvidas acerca dos hábitos e costumes dos povos primitivos.
- d) devido à fragilidade do material que normalmente é encontrado nas escavações (ossos e fósseis), não se pode utilizar tecnologias mais avançadas nessas pesquisas.



10. (Uece 2015) Para escrever a História é necessário reunir fontes ou testemunhos, que são objetos e documentos – restos do passado – que ajudam a compreender um contexto em determinado período. Sobre as fontes documentais, é correto afirmar que
- não variam de modo algum; devem ser documentos escritos e registrados pela autoridade competente da época e do local do qual fazem parte.
 - são criadas e elaboradas criteriosamente para fins de escrita por arqueólogos, etnólogos, paleógrafos e paleontólogos.
 - são várias, como as escritas, as orais, as narrativas e os mitos populares, e diferentes tipos de imagens.
 - são os mapas geográficos e históricos, e as linhas temporais, cronologias específicas dos calendários geomorfológicos.

11. (Udesc 2015)

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.”

Marc Bloch. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 65.

Assinale a alternativa que contém a definição de história mais coerente com a citação do historiador Marc Bloch.

- A História é a ciência que resgata o passado para explicar o presente e fazer previsões sobre o futuro.
- A História é uma ciência que visa promover o entretenimento dos expectadores do presente e um conhecimento inútil sobre o passado.
- A História é, tal como a literatura, uma narrativa sobre o passado determinada pela imaginação do historiador.
- A História é a ciência que se refugia no passado para não compreender as questões do presente.
- A História é uma ciência que formula questões sobre o passado a partir de inquietações e experiências vividas no presente.

12. (Ueg 2015)

Salve duque glorioso e sagrado
 Ó Caxias invicto e gentil!
 Salve, flor de estadista e soldado!
 Salve herói militar do Brasil!

Refrão do Hino a Caxias. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 194.

A exaltação da figura do Duque de Caxias por setores do Exército Brasileiro contrasta com a

- indiferença do governo republicano que não concedeu ao militar nenhuma homenagem no calendário cívico nacional.
- desconstrução de seu papel heroico por uma historiografia crítica que valoriza as massas em detrimento dos grandes líderes.
- denúncia formal de crimes de guerra e de genocídios cometidos por Caxias durante a campanha da Guerra do Paraguai.
- valorização de sua figura na cultura popular que transformou seu nome em sinônimo de seriedade e patriotismo.

13. (Uern 2015) Leia os textos.

Tão objetiva é a História para os positivistas que um de seus maiores ensinamentos é a busca incessante de fatos históricos e sua comprovação empírica. Daí a necessidade, como pregavam, de se utilizar na pesquisa e análise o máximo de documentos possíveis.

(Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra7/anales.html>.)

A nova história não estuda épocas. [...] Aqui reside o conceito de “História de Longa Duração”. Segundo Braudel, a história situa-se em três escalões: a superfície, uma história dos acontecimentos que se insere no tempo curto; a meia encosta, uma história conjuntural, que segue um ritmo mais lento; e, em profundidade, uma história de longa duração, que põe em causa os séculos.

(Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra7/anales.html>.)

Os textos expõem duas concepções historiográficas: Positivista e da Nova História, ou Escola dos *Annales*. Ao analisá-los, é possível inferir que

- ambos concordam que a história é um verdadeiro exercício de erudição, acima de qualquer ciência e dos progressos da humanidade.
- para os positivistas, a história é uma ciência secundária, embora consiga obter a totalidade sobre todos os fatos não deixando dúvidas no que se refere à sua veracidade.
- os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a Nova História está mais preocupada com a análise das estruturas.
- a busca dos fatos, segundo os representantes dos *Annales*, é feita pela observação minuciosa dos textos e documentos oficiais, da mesma maneira que o químico, ou outro cientista, o faz.



14. (Uern 2015)

É impossível compreender seu tempo para quem ignora todo o passado. Ser uma pessoa contemporânea e também ter consciência das heranças, consentidas ou contestadas.

(René Remond. in Bittencourt, C. *Ensino da História. Fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez. 2004. p. 155.)

A história tem um caráter instrumental para a compreensão das experiências sociais, culturais, tecnológicas, políticas e econômicas da humanidade ao longo do tempo. Sobre o papel da história na formação da cidadania, assinale a alternativa correta.

- O ensino da história não apenas contribui para o desenvolvimento da consciência, mas dá suporte à construção da própria identidade do indivíduo.
- No decorrer dos períodos históricos, a fundamentação teórica que incita a obediência às leis foi a principal contribuição da história na formação cidadã.
- A história, em uma visão contemporânea, passou a ter como prioridade o estudo do presente, dando ao passado um caráter arcaico e antiquado, dispensável à pesquisa histórica.
- A história como ciência básica e fundamentalmente teórica incide de forma relativa e tênue nas atividades práticas da vida humana, tendo, portanto, neutralidade em relação à política.

15. (Uema 2014)

É preciso advertir desde já que esse sistema quadripartite [dividido em quatro partes] de organização da história universal é um fato francês. Em outros países, o passado está organizado de modo diferente, em função de pontos de referência distintos.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. Trad. de Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995, p. 93.

O texto faz referência a um “sistema quadripartite”, ainda muito presente nos materiais didáticos de História do Ensino Básico no Brasil. Esse “sistema” divide a história em Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Sobre essa divisão, o autor observa que a

- conceituação de história universal é sempre francesa.
- divisão da história em períodos prejudica o seu estudo.
- periodização da história em alguns países é equivocada.
- sistematização da história não depende das referências do passado.
- organização da história como campo de estudo é uma construção cultural.

16. (Uea 2014)

As ciências, as técnicas, as instituições políticas, as ferramentas mentais, as civilizações apresentam ritmos próprios de vida e de crescimento.

(BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*, 1969. Adaptado.)

No fragmento, o historiador Fernand Braudel critica a classificação da história em grandes períodos unificados e homogêneos, ao ressaltar que

- a mudança histórica é orientada pelas concepções que os homens têm da política, da sociedade e da economia.
- as sociedades humanas seguiram, a partir da Revolução Industrial, um mesmo modelo de transformação histórica.
- as artes, a cultura e a tecnologia modificam-se, diferentemente dos fatos políticos, de maneira muito semelhante.
- a existência social dos homens é múltipla e que os elementos que a compõem modificam-se de forma desigual no decorrer do tempo.
- a economia é a determinação mais poderosa na vida dos homens e que a história da humanidade é impulsionada pelas novidades técnicas.

17. (Uern 2013)

O herói revela-se ao mundo por seus trabalhos fabulosos. Pratica atos de coragem, salva pessoas e, muitas vezes, sacrifica a própria vida por uma causa maior que ele mesmo (...). Em nossa sociedade, era comum construir determinadas memórias enaltecendo os heróis. Mas também é possível construí-la (a memória) destacando ações, lutas e conquistas coletivas, como lutas por direitos iguais, direito a terra, saúde...

(Cabrini, Conceição. *História temática: diversidade cultural e conflitos*. Ensino Fundamental. 3ª Ed. Reform. São Paulo: Scipione, 2009. Coleção História Temática. Cap. Mito e memória histórica.)

Acerca do significado de “sujeito histórico” e do seu papel real na construção da história, é correto afirmar que

- só se pode considerar o sujeito como de fato “sujeito histórico” caso sua ação gere mudanças efetivas e positivas para a construção de instituições sociais significativas ao estabelecimento da ordem social vigente.
- o sujeito histórico, visto na história, é diferente daquele descrito na historiografia, pois essa, como meio oficial de transmissão de cultura às gerações vindouras, seleciona apenas os fatos realmente relevantes e coletivos.



- c) o sujeito histórico, na verdade, representa cada ser humano em contextos históricos distintos com suas especificidades e características que, atuando em grupo ou isoladamente, produz ações para si e/ou para a coletividade.
- d) as novas tendências historiográficas lançam a ideia de que só é válido o estudo das massas, do cotidiano e das mentalidades, invalidando, portanto, o conceito e a necessidade da existência de um “sujeito histórico” específico.
18. (Uern 2013) Ao longo da história da humanidade, as pessoas têm produzido objetos com as mais variadas intenções: machados de pedra, roupas, utensílios domésticos, casas etc. Nas mãos do historiador, esses e outros registros, vistos como evidências históricas, são chamados de documentos ou fontes históricas. Sobre as fontes históricas, é correto afirmar que
- a) as fontes não documentais perderam muito de sua credibilidade após o advento da escrita, pois não são consideradas oficiais.
- b) só passam a ser consideradas fontes históricas aquelas com comprovação científica em laboratórios, no que diz respeito à datação e origem.
- c) o patrimônio imaterial de uma sociedade também é considerado como fonte histórica, uma vez que pode retratar a própria essência dessa cultura.
- d) os documentos oficiais, como inventários “*post mortem*”, testamentos e certidões, têm maior respaldo histórico, pois constituem conteúdo irrefutável.

Gabarito:

Resposta da questão 1: [C]

A alternativa [C] é a única que está em consonância com o texto do pensador Carlo Ginzburg. Há uma distância considerável entre o processo inquisitorial com a expectativa do inquisidor que procurava arrancar a confissão do acusado em relação ao historiador que, séculos depois, estuda e analisa os processos inquisitoriais em busca de uma compreensão daquele contexto histórico. O pesquisador debruçado sobre sua fonte documental procura vislumbrar o passado, conhecer aquela experiência histórica.

Resposta da questão 2: [D]

A questão aponta para a relação entre terrorismo e a memória histórica coletiva. Grupos radicais extremistas islâmicos têm cometido um verdadeiro atentado contra a memória ao destruir estátuas e imagens que remetem às civilizações antigas como estratégia para apagar o passado. Isso traz um prejuízo enorme para a humanidade por se tratar de um patrimônio histórico cultural da humanidade.

Resposta da questão 3: [A]

Somente a proposição [A] está correta. A questão aponta para a destruição de importantes patrimônios históricos da humanidade na contemporaneidade, como as estátuas de Buda no Afeganistão e a ameaça de destruir um grande acervo cultural deixado pelos egípcios antigos, a Esfinge de Gisé e as Pirâmides. O historiador francês Jacques Le Goff alerta que a destruição da memória, do passado e da história, não contribui para resolver problemas da atualidade, sendo horrível para a sociedade. No tempo presente, há uma grande disputa pelo passado, pela memória e pela história. Basta observar como recentemente na História do Brasil, os militares queimaram documentos históricos sobre o regime militar. De certa forma, há uma disputa de poder pelo passado e pela memória devido à construção de identidades coletivas.

Resposta da questão 4: [C]

O texto do historiador Lucien Febvre possui um caráter etnocêntrico através de um olhar europeu. É uma visão ocidental que deita raízes na Grécia antiga quando surgiu a ideia de “bárbaro”, ou seja, bárbaro é todo aquele que não possui a cultura grega. O Eurocentrismo tem o mesmo viés, de conceber a Europa como o centro da civilização. Vale dizer que esta postura etnocêntrica-eurocêntrica está ultrapassada.

Resposta da questão 5: [A]

O conhecimento das origens configura conservação da memória do passado; as circunstâncias e o curso das ações configuram quadro cronológico; e o conjunto dessas habilidades configura interpretação dos acontecimentos. Essas são as características da escrita da História presentes no texto.

Resposta da questão 6: [B]

A corrente historiográfica que praticava o *contar a história tal como ela ocorreu* buscava produzir uma história linear e cronológica, que levava em consideração os personagens principais e as datas, não levando em consideração as nuances por detrás dos fatos.

Resposta da questão 7: [C]

A Escola dos Anales surgiu em 1929 na França através de vários historiadores como March Bloch. A escola criticou o pensamento positivista que considerava fonte histórica apenas documentos escritos. Assim, o grupo dos analles ampliou a noção de documento histórico e começou a estudar novas temas como a história da morte, festas, bruxaria, história da mulher, da sexualidade, etc. A linguagem da narrativa histórica fugiu daquele rigor



acadêmico e ganhou contornos literários. Na década de 1950, surgiu a História Nova herdeira dos anales. A escola dos anales considerava a narrativa Mitológica vinculada a busca das origens.

Resposta da questão 8: [B]

Fonte Histórica: tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo traços de sua interferência, pode nos proporcionar acesso à compreensão do passado humano.

Referência da citação: www.escritadahistoria.blogspot.com.br

A partir da definição apresentada acima, podemos concluir que os dois textos são fontes históricas e, logo, contribuem para o estudo histórico.

Resposta da questão 9: [B]

As pesquisas arqueológicas e antropológicas servem como ferramenta para ajudar a História a esclarecer os primórdios da Humanidade.

Resposta da questão 10: [C]

Somente a proposição [C] está correta. A questão remete a importância das fontes históricas enquanto documentos imprescindíveis para a narrativa histórica. A doutrina Positivista defendia que somente documentos escritos eram fontes históricas, isto significa que antes da escrita não havia História, era a Pré-História. Porém, esta concepção Positivista foi muito criticada pela Escola dos Anales que surgiu na França a partir de 1930 e que culminou na “Nova História”. Os historiadores dos Anales ampliaram a noção de documento histórico, são vários, como documento escrito, oral, pinturas, diferentes tipos de imagens, etc. Assim o termo Pré-História está ultrapassado.

Resposta da questão 11: [E]

Somente a proposição [E] está correta. A questão remete ao texto do historiador francês Marc Bloch que integrava o grupo dos Anales. A questão pode ser respondida a partir das alternativas incorretas. A História não visa fazer previsões sobre o futuro, não significa um conhecimento inútil sobre o passado, não é determinada pela imaginação do historiador e não se refugia no passado para não compreender o presente.

Resposta da questão 12: [B]

A questão remete ao importante personagem histórico Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, considerado o patrono do exército brasileiro. Porém sua biografia está vinculada a truculência contra as massas populares principalmente na revolta chamada Balaiada ocorrida no Maranhão, 1838-1841, quando ajudou a derrotar os insurgentes a retomaram o poder da província. Uma historiografia mais crítica vinculada as massas populares desconstrói seu papel de herói construído pela historiografia oficial.

Resposta da questão 13: [C]

Existe uma diferença fundamental entre a escola Positivista e a Escola dos Annales: a primeira considera que o estudo histórico deve basear-se no maior número de fontes para narrar um acontecimento e segunda pressupõe que o estudo histórico deve ser profundo, buscando analisar as estruturas que contribuíram para que um acontecimento superficial ocorresse.

Resposta da questão 14: [A]

O estudo da História, ao apresentar a gerações presentes os fatos, acontecimentos e modificações gerados pelas gerações passadas, desenvolve a consciência e a identidade dos indivíduos enquanto cidadãos.

Resposta da questão 15: [E]

Jean Chesneaux em sua obra “Devemos fazer tábula rasa do passado?” elabora uma interessante reflexão sobre teoria da História e sobre a relação entre passado e presente. Mostra como o passado é narrado a luz do presente ao afirmar que “o controle do passado e da memória coletiva pelo aparelho ideológico de Estado dirige sua atenção para as fontes. Ora se mutila e se deforma, ora se faz silêncio completo” e que o passado está organizado de forma diferente em outros países. O sistema tripartite que divide a História em Antiga, Média, Moderna e contemporânea tem como referência somente a História da Europa. Queda de Roma em 476, queda de Constantinopla em 1453, Revolução Francesa em 1789. Assim, Chesneaux entende que a organização da História é uma construção cultural conforme aponta a alternativa [E].

Resposta da questão 16: [D]

Somente a alternativa [D] está correta. O grande historiador francês Fernand Braudel em sua obra “Escritos Sobre a História” fornece elementos importantes para a teoria da História ao trabalhar com a ideia da “longa duração”. Critica, por exemplo, o hábito dos historiadores de criar grandes períodos dentro da História e estudá-lo de forma unificada e homogênea. Este tipo de abordagem engessa e atrapalha o bom entendimento da História. A vida humana é múltipla e dinâmica modificando de forma desigual ao longo do tempo. Daí que Braudel afirma que “as ciências, as técnicas, as instituições políticas, as ferramentas mentais, as civilizações apresentam ritmos próprios de vida e de crescimento”. As demais alternativas estão incorretas.

**Resposta da questão 17: [C]**

A proposição [C] está correta. Os homens na sua vida cotidiana fazem história e, neste sentido, é um sujeito histórico. Os sujeitos históricos atuam vinculados ao seu contexto histórico, tempo e espaço, agindo isoladamente ou em grupo promovendo transformações sociais. As demais alternativas estão incorretas. Não podemos considerar sujeitos históricos apenas aqueles que promovam ações sociais grandiosas e positivas, afinal todo homem é um sujeito histórico consciente ou não. As novas tendências historiográficas não valorizam apenas o estudo das massas, do cotidiano e das mentalidades desconsiderando outros sujeitos históricos específicos.

Resposta da questão 18: [C]

A proposição [C] está correta. Os historiadores valorizam todos os registros históricos de uma civilização seja ele escrito ou não. O patrimônio imaterial de uma sociedade como expressões culturais, músicas, saberes, festas, danças, entre outros, são valorizados pelos historiadores como forma de expressão de uma determinada cultura. O Positivismo do século XIX valorizava apenas documentos escritos, daí o termo Pré-História, ou seja, onde não há escrita não há história. Porém a partir de 1950 com a Nova História tributária da Escola dos Anales ampliou-se a noção de documento valorizando outras fontes históricas não escritas. As demais alternativas estão incorretas.